

AUTOR DO BEST-SELLER *O EVANGELHO MALTRAPILHO*

brennan manning

Convite à solitude



BRENNAN MANNING
com orações de Sue Garmon

CONVITE À SOLITUDE

Traduzido por Fabiano Medeiros



Copyright © 1982 por Brennan Manning
Publicado originalmente por Nav Press, Colorado, EUA

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Internacional* (NVI), da Sociedade Bíblica Internacional, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998. É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Algumas das histórias ilustrativas deste livro são verídicas e foram incluídas com a permissão das pessoas envolvidas. As demais ilustrações são compiladas de situações reais. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Diagramação para ebook: Fábrica de Pixel

Diagramação: SGuerra Design

Revisão: Josemar de Souza Pinto

Capa: Douglas Lucas

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M246c

Manning, Brennan, 1934 -

Convite à solitude [recurso eletrônico]/Brennan Manning com orações de Sue Garmon ; traduzido por Fabiano Medeiros. - São Paulo : Mundo Cristão, 2012. recurso digital
1,5 MB; ePub

Tradução de: Souvenirs of solitude

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

978-85-7325-731-1 (recurso eletrônico)

1. Solidão - Aspectos religiosos - Cristianismo. 2. Vida espiritual. 3. Livros eletrônicos. I. Garmon, Sue. II. Título.

11-6653

CDD: 248.4

CDU: 27-4

Índice para catálogo sistemático:

1. Solidão : Meditações : Cristianismo 248.47

Categoria: Espiritualidade

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados pela:

Editora Mundo Cristão

Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020

Telefone: (11) 2127-4147

www.mundocristao.com.br

1ª edição eletrônica: junho de 2012

Sumário

Prefácio à segunda edição Norte-Americana

Prefácio à primeira edição Norte-Americana

1. O segundo chamado

2. Esperança ou autossugestão?

3. Amor

4. A beleza litúrgica da Eucaristia

5. Reflexões sobre o Natal em O'Hare

6. Perdão

7. Por favor, examine esta profecia

8. Somente uma sombra

9. Uma parábola estonteante

10. Milagre em Chicago

11. Verdadeiramente humano – verdadeiramente pobre

12. Os frades

13. Bom humor

14. Evangelização

15. A saideira

16. Jejum e oração

17. Penitência

18. A criança e o fariseu

19. Uma dívida de gratidão

20. Criação

21. O homem com o espírito da Páscoa

Epílogo

Apêndice: Um retiro de oito dias para o leitor

*Sou profundamente grato por meus pais e a meus pais.
Este livro é um presente para papai e mamãe,
Amy e Emmett Manning, que me ensinaram com a vida deles que é mais bem-
aventurado dar que receber.*

Precisamos encontrar Deus,
mas ele não pode ser encontrado no ruído e na agitação.

Deus é amigo do silêncio.

Veja como a natureza – as árvores, as flores, a relva –
viceja no silêncio.

Veja as estrelas, a Lua, o Sol,
como se movem no silêncio.

Nossa missão não é
levar Deus aos pobres?
Não um deus morto,
mas um Deus vivo, cheio de amor.

Quanto mais recebemos, em oração silenciosa,
mais podemos dar em nossa vida cheia de atividades.
Precisamos de silêncio
para tocar outras almas.

O essencial não
é o que dizemos,
mas o que Deus diz,
a nós e por meio de nós.

Todas as nossas palavras serão inúteis
se não brotarem do nosso interior.

As palavras
que impedem o brilho da Luz de Cristo
só fazem aprofundar as trevas.

Madre Teresa de Calcutá

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO NORTE-AMERICANA

Este livro traz lembranças que registrei em momentos de solitude ao longo do tempo. Como acontece com todas as boas lembranças, acredito que essas recordações tenham uma qualidade atemporal, que não envelhece mesmo com o tempo, e um valor específico para os leitores de hoje. Muitos dos temas que tenho ensinado desde o fim da década de 1960 e começo da década de 1970 são resgatados neste livro, em doce regozijo. Predominante entre esses temas está o extraordinário e infindável amor de Deus por nós.

Na tradição hebraica, recordar é “tornar presente”. Na primeira noite de Páscoa, há um ritual extraordinário em que a criança mais nova da família dirige-se ao pai e pergunta: “Por que esta noite é diferente de todas as outras noites?”. O pai então passa a relatar a história do Êxodo. Na narrativa do pai — e na escuta atenta do filho —, a criança se torna *B’nai B’rith*, ou seja, filho da aliança. Ao relatar a história, aquilo que aconteceu milhares de anos antes, no Êxodo, passa a ser uma *realidade* atual para aquela criança, e não só para ela, mas nela.

Em nossa tradição cristã, a Eucaristia “torna presente” a morte de Cristo em nosso lugar e a favor de nós. A Eucaristia é mais que uma simples lembrança agradável, mas passageira. No fundo, o que Jesus estava dizendo era: “Façam isto em memória de mim; e, ao fazê-lo, eu me farei presente com vocês no pão e no cálice”.

Ainda que menos sagradas e litúrgicas, as lembranças aqui contidas, todos esses suvenires, extraídos de meus momentos de solitude, tampouco são meras recordações agradáveis. À medida que você se envolver com cada uma delas, acredito que se transformarão em uma realidade presente para você. Embora contenham muitas histórias do início de minha vida, eu as ofereço como lembranças pessoais, na esperança de que se transformem para você em encontros geradores de vida, os quais você mesmo experimentará hoje com Deus.

Brennan Manning
Nova Orleans, Louisiana
Páscoa de 2009

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO NORTE-AMERICANA

“O homem que ora é capaz de realizar em um só ano aquilo que outro não consegue realizar em toda uma vida”, escreveu Louis Lallemand, notável jesuíta francês do século XVII.

Qualquer eficácia que se possa encontrar em mim ou em meu ministério para com as pessoas está ancorada no Cristo da Eucaristia e nos milhares de horas gastas em oração solitária, em cavernas, desertos, eremitérios, aeroportos, táxis, quartos de hotel em beira de estrada ou pequenos aposentos abertos a mim em casas de particulares, em residências paroquiais e em monastérios. Nas últimas duas décadas, percorri meu país e o mundo, e com isso descobri que me conecto melhor com o outro quando me conecto com o meu eu interior. Quando consigo me desprender das pessoas e permito que o Senhor me liberte de uma dependência insalubre em relação a elas, mais eu consigo lhes dedicar minha existência, mais atentamente consigo escutar, mais altruisticamente amar, mais indulgentemente falar, mais esportivamente brincar, menos seriamente me levar e ter a plena consciência de que o meu rosto brilha sorridente sempre que me acho num jogo que aprecio completamente.

O silêncio e a solidude são artigos preciosos em minha vida. Meu eu irrequieto encontra paz somente quando descanso em Deus. Como é difícil persuadir as pessoas do valor de estarem sozinhas com o Senhor! Anne Morrow Lindbergh expressou essa verdade da seguinte maneira, em *Presente do mar*:^[1]

No que se refere à busca pela solidude, vivemos em uma atmosfera negativa, tão invisível, tão permeante e tão enervante quanto a densa umidade em uma tarde de verão. O mundo de hoje não compreende a necessidade presente no homem ou na mulher de estar só.

Como explicar uma coisa dessas? Qualquer outra desculpa será mais bem aceita. Se a pessoa reserva um tempo para uma reunião de negócios, uma ida ao cabeleireiro, um compromisso social ou uma saída às compras, esse tempo é tido por todos como inviolável. Mas, se a pessoa disser “Não poderei comparecer porque é justo a hora que reservei para estar a sós”, ela é

considerada descortês, egocêntrica ou estranha. Que péssimo reflexo da nossa civilização, quando estar sozinho é considerado algo suspeito; quando é preciso se explicar, dar desculpas, até mesmo esconder o fato de que essa é uma prática adotada – como se fora um vício que a pessoa preferiria manter em segredo!

Na realidade, momentos assim estão entre os mais importantes da vida – quando se está só. Certos mananciais são acessados somente quando estamos a sós. O artista sabe que precisa estar só para criar; o escritor, para desenvolver seus pensamentos; o músico, para compor; o santo, para orar.

Anos atrás, fiz o teste de personalidade Myers-Briggs,[2] para obter algum *insight* e perspectiva sobre o ferro-velho que eu chamo de minha mente. Descobri que sou um tipo introvertido-intuitivo e sentimental-perceptivo, e a minha necessidade mais urgente na vida é ficar só. Da mesma maneira que um homem faminto precisa de alimento e um homem sedento carece de água, eu necessito de solitude – um tempo para alcançar aquele estado de paz e tranquilidade no qual eu consiga me recompor, recobrar o ânimo e simplesmente funcionar, oferecendo às pessoas aquilo para o que, no plano de Deus para mim, fui designado.

Imediatamente, sentimentos de culpa tomaram conta de mim. Será que essa necessidade não seria na verdade uma forma de me proteger das escolhas erradas, de escapar à responsabilidade, de desperdiçar meu tempo, ou seja, um luxo que não levava a nada? Encontrei grande consolo nas palavras do dominicano holandês Edward Schillebeeckx:[3]

O cristianismo, por mais que se envolva nos cuidados e nos afazeres do cotidiano e em toda a nossa atividade secular, tem um espaço especial, sagrado, separado dos desenvolvimentos seculares e da cultura, dentro do qual aprofundamos a intimidade com Deus. Nesse lugar, encontramos-nos simplesmente junto com Deus, em Cristo. Agora, em uma dimensão meramente humana, o silêncio faz parte do discurso e do intercurso social, embora em si mesmo não tenha nenhum significado; só tem significado à medida que trabalhe a favor da comunhão. É necessário para estabelecer contato entre os homens verdadeiramente humanos e para assim manter o contato – humanizando-o. É o silêncio que torna o discurso pessoal. Sem o silêncio, o diálogo é impossível. Mas, em uma religião revelada, o silêncio praticado diante de Deus tem valor em si mesmo e por sua própria conta, apenas porque Deus é Deus. Deixar de reconhecer o valor de simplesmente se deixar ficar com Deus, na qualidade de nosso Amado, sem nada mais fazer, é arrancar fora o âmago do cristianismo.

Essas lembranças que lhe trago de meus momentos de solidude são a história de amor de minha caminhada com Deus. Ao visitar os silêncios perdidos no passado, recorde e registro os instantes de intimidade em que permiti que o Senhor me atraísse até o deserto e me falasse ao coração. Em desertos sem confortos, em eremitérios distantes e voando em Boeings 747, a palavra de Jeremias passou a ser a minha: “Senhor, tu me enganaste, e eu fui enganado; foste mais forte do que eu e prevaleceste” (20:7). Se o compromisso do cristão não fosse uma questão do coração, eu sei que eu não o suportaria. As coisas realmente dignas de ser lembradas em minha vida são essas lembranças extraídas da solidude, esses momentos de intercurso amoroso com o Noivo a quem pertencço.

Solitude não é algo fácil. Por sinal, Nikos Kazantzakis escreveu: “A solidude pode ser fatal para a alma que não arda em grande paixão”. Mas a autenticidade do meu projeto de vida estaria em risco sem a solidude. A experiência me ensinou que, se eu não mantiver contato com o Cristo da minha interioridade, então não poderei tocar o outro. Quando estou distante de mim mesmo, sou igualmente um desconhecido para o outro. Qualquer que seja a solidão, a aridez ou a desolação por que se esteja passando (as quais podem sobrevir em altas doses), não é possível deixarmos de passar tempo a sós com Deus sem corrermos o risco de nos expor a graves perigos.

Em *Growth in the Spirit* [Crescimento no Espírito], François Roustang afirmou:[\[4\]](#)

O Espírito que dá sentido e valor a todos os procedimentos externos e a todos os atos religiosos ou seculares deve ser experimentado nas solidudes mais isoladas. Ninguém pode escapar a essa lei. Quando os autores da espiritualidade usam as palavras “coração”, “alma”, “níveis mais profundos da alma” ou simplesmente “profundidade”, não estão fazendo concessões a um jargão falsamente piedoso. Estão tentando se referir, em linguagem humana, seguindo a Cristo, ao que os olhos não podem ver e os ouvidos não podem ouvir. Somente quando Deus lhes dá vida é que podem encontrar a Palavra da vida externamente e podem ouvir sua voz ressoar nos mais variados aspectos deste mundo.

Nestas páginas, será um prazer apresentar ao leitor a senhorita Sue Garmon, de Nova Orleans, no estado de Louisiana, que já não se encontra entre nós. Muitos anos atrás, participamos juntos de um retiro de fim de

semana em Covington, Louisiana. Desde essa ocasião, compartilhamos a vida em oração e trabalhamos conjuntamente em um ministério em equipe por várias regiões de seu estado natal. As orações ao final de cada capítulo são uma janela que se abre para a poesia de seu espírito e revelam melhor que quaisquer palavras minhas o calor e a sensibilidade, a candura e a honestidade, o amor e o anseio de seus encontros de amor em lugares secretos com o Noivo. É com alegria que compartilho com você os dons dessa mulher, e é com grande honra que a chamo minha amiga.

Ao pedir as bênçãos de Deus sobre este livro, oro pedindo que cada lembrança que eu aqui lhe trago como forma de recordar meus momentos de solitude com Deus seja capaz de avivar sua memória, pondo-o em contato com os momentos da intervenção amorosa de Deus em sua própria história, e o torne mais consciente de quem você é, por que está aqui e para onde está se dirigindo.

Brennan Manning
Clearwater, Flórida
Setembro de 1978

Há 22 anos, tenho tentado fazer de minha identidade cristã o empreendimento mais importante de minha vida. O velho ditado “Dize-me como distribuis teu tempo e dinheiro, e te direi quem és” me dá a garantia de que não tenho me enganado. Apesar dos momentos de fraqueza, de óbvias imperfeições, de lapsos morais e de momentos de egoísmo, o teor geral da minha vida tem sido fidelidade para com a verdade como eu a compreendo.

Jesus Cristo é a verdade para mim. Sua Palavra influencia meu julgamento, impacta as decisões que tomo e as que me recuso a tomar. Sua verdade me ajudou a descobrir o que é central na vida e o que é secundário, o que é importante e o que é menos importante, o que é vital e o que é marginal, periférico, circunstancial. Mas será que tudo isso é real? Ou será que “dei com os burros n’água”? Será que a realidade confirma o discurso? Tenho apenas uma vida para viver, e quero vivê-la completamente, intensamente. Será que me deixei dominar pela rotina, pelas orações mecânicas, pelo corriqueiro da vida, pelos deveres diários realizados vez após vez? Dou uma saída até o deserto para reexaminar o rumo da minha vida.

E o Senhor me chama uma segunda vez. Na solitude refinadora das montanhas da Pensilvânia, ele estende um segundo convite:

– Quero que você aceite o amor de meu pai.

Eu respondo:

– Mas disso eu já sei. Essa é velha. Vim até este lugar deserto à procura de novos *insights*. Estou num arroubo de fervor, estusiasmadíssimo, totalmente aberto. Prestarei atenção a qualquer coisa que tenhas a me dizer. Pode dizer, Senhor, pode me maravilhar com tuas palavras. Traze uma mensagem nova. Eu já conheço a velha.

E ele responde:

– É exatamente o que você não sabe – a velha. Não tem a menor ideia de quanto eu o amo. O momento em que acredita compreender é o momento em que não compreende. Eu sou Deus, não homem. Você viaja pelo mundo contando às pessoas sobre mim, dizendo que sou um Deus amoroso. Mas suas palavras são pouco sinceras. Com que facilidade brotam de seus lábios! Minhas palavras são escritas com o sangue de meu único Filho. A próxima vez que você pregar sobre minha vida com uma familiaridade tão detestável, posso vir desbaratar sua reunião de oração. Quando se aproximar de mim com seu profissionalismo pedante, vou desmascará-lo e mostrar que não passa de um completo amador. Quando tentar persuadir as pessoas de que compreende aquilo sobre o que está falando, vou silenciá-lo e deixá-lo com cara de tacho! Afirma saber que eu o amo. Então posicione-se como homem. Vou lhe fazer as perguntas que terá de me responder.

“Você sabe que toda vez que afirma me amar, eu digo ‘obrigado?’”

“Quando um filho cheio de temor chega até você na escuridão de uma tempestade e lhe pergunta com o rosto marejado em lágrimas ‘Você ainda está aqui? Você ficará ao meu lado até que a escuridão tenha passado? Você sente alguma repulsa em relação a mim por eu ser pequeno e cheio de medo? Você vai me dar para outra pessoa?’, e você fica magoado e entristecido pela falta de confiança da criança, você percebe que faz o mesmo comigo? Ou não acredita que eu seja um pai no mínimo tão sensível quanto você?”

“Você compreende a palavra de meu Filho: ‘... nada faço de mim mesmo, mas falo exatamente o que o Pai me ensinou’ (Jo 8:28)? Quem você pensa que primeiro chorou por Jerusalém quando os habitantes da cidade se recusaram a receber o meu Filho?”

“Você afirma saber o que Jesus e eu compartilhamos quando ele se retirou para o cume de um monte e passou a noite comigo, a sós? Você sabe de onde veio a inspiração para lavar os pés dos Doze? Ou será que isso se encontra abaixo da minha dignidade, sendo eu o distante magistrado oriental que sou? Você compreende que, motivado somente pelo amor, o seu Deus se tornou seu servo no Cenáculo? Lembre-se: ‘o Filho [...] só pode fazer o que vê o Pai fazer’.

“Você tem lutado com a pergunta central de sua fé, a qual não é ‘Jesus é semelhante a Deus?’, mas ‘Deus é semelhante a Jesus?’? Você compreende que

todas as atitudes, valores, qualidades e características de meu Filho pertencem a mim também; que aquele que vê Jesus vê a mim, o Pai de Jesus?

“Você se sentiu ofendido com a ordem divina dada a Abraão para que sacrificasse Isaque, seu filho unigênito, no monte Moriá? Você ficou aliviado quando o anjo interveio, quando a mão de Abraão foi detida e o sacrifício não chegou a ser consumado? Você se esqueceu de que na Sexta-feira Santa não houve a intervenção de nenhum anjo, que o sacrifício foi de fato consumado e não foi o coração de Abraão que se partiu?

“Quando a morte ceifa temporariamente o filho de um amigo seu, você o acompanha até o velório para chorar com ele e tentar confortá-lo? Qual foi a última vez que você chorou comigo e tentou me consolar por causa daquela Sexta-feira Santa? Você sabe que meu coração se partiu naquele dia de trevas? Que eu sou seu Pai, que eu sinto tanto quanto você?

“Você percebe que eu *tive* de ressuscitar Jesus dentre os mortos na manhã de Páscoa porque meu amor dura para sempre? Que eu não poderia suportar a ideia de passar a eternidade sem a presença de meu unigênito? Você confia, serenamente, que eu ressuscitarei também a você, meu filho adotado?

“Mas é claro que você está ciente de todas essas coisas. Não foi você quem acabou de me dizer que essa é velha, que já sabe que o amo?”

Qual é a qualidade de meu compromisso de fé? Há uma dinâmica e um desenvolvimento? Está vivo e em constante crescimento? Fé é um relacionamento pessoal genuíno com Jesus de Nazaré. Como todo relacionamento de amor entre seres humanos, esse relacionamento com Deus jamais pode ser estático, desgastado, estagnado, prestes a morrer. Quando a Escritura, a Eucaristia e o ministério se tornam uma rotina, estão na verdade à beira da morte. Quando se deixa de reconhecer e valorizar o amor do Pai, o que se faz é na verdade colocar Deus contra a parede e privá-lo da oportunidade de nos amar de maneiras novas e surpreendentes. Então a fé começa a murchar e a secar. Quando me torno tão desenvolvido espiritualmente, que “Aba” passa a ser algo já velho e batido, o Pai então é passado para trás, Jesus é domesticado, o Espírito é domado e o fogo do Pentecostes é extinto. A fé evangélica é a antítese da falsa religiosidade, aconchegante, confortável. Fé significa que você deseja uma intimidade cada vez maior com Jesus Cristo. Custe o que custar, você não quer desejar nada

mais. No momento em que concluo que agora tenho condições de lidar com o amor assombroso de Deus, estou morto. Eu poderia mais facilmente conter o golfo do México em um martelinho de cachaça do que compreender o amor incontido e furioso de Deus.

Se nos tiverem de criticar a fé, que seja pelas razões certas. Não porque somos demasiadamente emotivos, mas porque não somos suficientemente emotivos. Não porque nossas paixões sejam tão poderosas, mas por serem tão fracas. Não porque somos demasiadamente afetuosos, mas porque nos falta um amor profundo, apaixonado, sem reservas pela pessoa de Jesus Cristo.

Enquanto escrevo este capítulo, estou num retiro silencioso e dirigido de trinta dias, nas montanhas da Pensilvânia, cobertas de neve. Graças ao meu orientador espiritual, uma palavra soou e ressoou em meu coração este mês. Jesus não disse isto no Calvário, embora pudesse ter dito, mas o está dizendo agora: “Eu estou morrendo de vontade de estar com você. Eu estou literalmente morrendo para estar com você”. Era como se ele estivesse me chamando uma segunda vez. Percebi que o que eu pensava saber não passava de palha. Mal tivera um vislumbre, tampouco conseguiria sonhar com o que seu amor poderia significar. Sua Palavra me conduziu a uma solidude mais profunda, não buscando o dom de línguas, de cura, de profecia ou uma grande experiência religiosa toda vez que orasse, mas simplesmente *compreendendo*, captando de forma segura “a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, e conhece[ndo] o amor de Cristo que excede todo conhecimento” (Ef 3:18.19).

Talvez a pergunta religiosa mais fundamental que eu pudesse me fazer hoje seria: “Realmente creio na Boa Notícia de Jesus Cristo? Será que ouço sua palavra falando a meu coração: “Shalom, esteja em paz. Eu compreendo seus temores, suas falhas, seu dilaceramento. Não espero que seja perfeito. Já passei por tudo isso. Está tudo bem. Você tem o meu amor. Não precisa pagar por ele, nem pode merecê-lo. Espero encontrar mais falhas em você do que você espera ver em si mesmo. Você só precisa se abrir e receber. Apenas precisa dizer *sim* ao meu amor – um amor além de tudo o que você seja capaz de intelectualizar ou imaginar”?



*Pai, pelo fato de eu ser amada
e de amar,
não tenho de
me explicar para ti.
Não tenho de
me desculpar para ti.
Não tenho de
me rebaixar diante de ti.
Sabes tudo a meu respeito,
e me chamas de amiga,
deleita-te em mim
e dizes que me amas.*

*Pelo fato de ser amada
e de amar,
não preciso ficar prostrada
com o rosto em terra diante de ti.
Sou livre para correr
para dentro do círculo de teus braços,
que estão à minha espera,
adentrar a plenitude do teu abraço e
ser acolhida em teu regaço,
a salvo,
fortemente,
firmemente,
contra o teu coração.*

*Pelo fato de ser amada
e de amar,
não preciso me preocupar
com minha resposta ou falta de resposta.
Não tenho de lutar
com meu desejo de compreender.
Não tenho de lutar*

com meu sentimento de indignidade.
Tudo o que tenho de fazer é
ficar sossegada,
permanecer bem perto de ti
e permitir que me ames
até recuperar minha integralidade.

Pai, às vezes
a coisa mais difícil
do mundo
é ficar sossegada,
permanecer bem perto de ti
e permitir que me ames.
Mas, pelo fato de ser amada
e de amar,
eu tento.

Aqui estou eu, Pai.
Sossegada, ao menos desta vez.
Mais perto do que jamais estive.
Esperando.
Aceitando.
Querendo.
Ama-me, Pai.

ESPERANÇA OU AUTOSSUGESTÃO?

Em uma relação estreita com a qualidade da minha fé está a intensidade da minha esperança. A palavra de Jesus leva consigo a mensagem tácita de que o mundo está decidido a nos fazer o bem. Quando você para e pensa a esse respeito, isso lhe chega como algo totalmente incomum. Na maioria dos casos, as pessoas têm a impressão de que o mundo na realidade nos causou grandes estragos e nos granjeou, comparativamente, poucos benefícios. Mas, se o Aba de Jesus nos ama, se segue em nosso encalço como um tremendo Amante^[5] que (em seu Filho) está morrendo de vontade de estar conosco, então nos rendemos à ideia de que o mundo que ele criou, obra de suas mãos, existe para nos fazer bem. Significa correr o risco de permitir que outros nos façam bem. Significa ir à recepção de casamento e celebrar com a firme convicção de que não vamos ser enrolados, enganados ou surpreendidos.

Certa noite, no final da década de 1970, eu estava de férias num dos balneários de Nova Jersey com meu irmão (que voltou para a casa do Pai nessa ocasião, mas cuja companhia foi sempre uma deliciosa surpresa). Num sábado, ao final da tarde, fiz uma caminhada em torno de um lago artificial em Belmar, Nova Jersey. Do outro lado, havia um salão de festas chamado Barclay, que era palco de festas, convenções e recepções de casamento. Mais de cem pessoas faziam fila na porta da frente. Tinham acabado de deixar a cerimônia nupcial na Igreja de Santa Rosa e estavam antecipando a recepção. Na realidade, já havia começado. Podiam ouvir lá dentro a música e os risos, as pessoas bebendo e dançando. Eu precisava ver a expressão do rosto delas! Estavam cheias de alegria, superansiosas e empolgadas, mal conseguindo se conter e esperar, certas de que havia uma mesa reservada para elas; mal podiam esperar para entrar. Pareciam mesmo estar se dirigindo a uma festa de casamento.

Mais de cem anos atrás, o filósofo ateu Friedrich Nietzsche censurou um grupo de cristãos com as seguintes palavras: “Eca! Vocês me enojam!”. Quando o porta-voz dos cristãos perguntou por que, Nietzsche respondeu: “Porque vocês, remidos, não parecem remidos!. São tão cheios de temor, tão dominados pela culpa, tão ansiosos, tão confusos e tão sem direção quanto eu. Mas eu posso ser assim. Eu não creio. Não tenho nada sobre o que lançar a minha esperança. Mas vocês afirmam ter um Salvador. Por que não parecem salvos?”.

Em Mateus 22, Jesus apresentou o Reino de Deus como uma festa de casamento. Você realmente acredita estar se dirigindo a uma festa de casamento que já se iniciou? Você de fato acredita que Deus o ama incondicionalmente e da maneira que você é? Você está comprometido com a ideia de que a natureza do mundo deve ser de celebração? Se estiver, então, nas palavras do padre John Powell, S.J. (Sociedade de Jesus), “Por favor, avise ao seu rosto”.

Não quero aqui abrandar o efeito das minhas palavras. Não estou fazendo rodeios nem me entregando à autossugestão. Sou filho de Deus, e estarei com ele em seu Reino!

Por que não entramos agora? Por sabermos que lá dentro não há um banquete perfeito, pelo simples fato de que estamos vivendo entre a cruz e a ressurreição. O cristianismo não nega a realidade do sofrimento e do mal. Em 1976, 34 homens morreram com a misteriosa doença do legionário, que assolou a Filadélfia. Na semana seguinte, 144 pessoas foram arrastadas em uma enchente repentina no Colorado; nove dias depois, 180 mil pessoas foram mortas em um terremoto não muito distante de Pequim, na China. Diante de tais tragédias, o homem com esperança confirma que a providência de Deus governa o mundo, que Jesus é o Senhor da História, que a morte não é o fim, mas, sim, um salto final para os braços estendidos, e sempre à espera, do Pai.

Depois que Jesus desceu do monte da Transfiguração, informou a seus discípulos que subiria para Jerusalém, onde seria morto e triunfaria sobre a morte. Não tinha a mínima confiança de que seria poupado do sofrimento. Se havia uma coisa de que estava seguro, era da justificação. Nossa esperança, nossa aceitação do convite para o banquete não se baseia na ideia de que

estaremos livres da dor e do sofrimento. Antes, baseia-se na convicção de que triunfaremos sobre o sofrimento.

Você acredita que também viverá? Porque esse é o sentido da esperança cristã. Não se trata de um otimismo de Poliana, nem autossugestão. Tampouco é algo que dê lugar ao desânimo, à derrota e à frustração. Ao contrário, a esperança do cristão se mantém firme e serena, confiante mesmo em face do Holocausto, mesmo diante de um câncer terminal. Por mais terrível que nos pareça a Sexta-feira Santa, temos a confiança de que o Domingo de Páscoa se encontra adiante de nós. E se de fato morreremos? Jesus morreu também; e, se Jesus morreu, cremos que agora ele vive e que nós viveremos também.

A segunda chamada de Jesus em nossa vida é uma intimação para um salto ainda mais radical em direção à esperança, um comprometimento existencial com as boas-novas da festa de casamento. Não nos percamos em teologizações abstratas, em filosofias vagas ou em jargões falsamente piedosos. Permanece a pergunta fundamental: “Será verdadeira a Palavra de Jesus Cristo?”. Se já experimentamos o alvorecer de uma era escatológica, se Deus de fato estava presente em Jesus de uma maneira singular, se temos o privilégio de estar em contato íntimo com o Deus vivo com base em uma familiaridade afetuosa, então deveríamos ter o semblante iluminado pelo riso em meio a um jogo que simplesmente apreciamos demais.

Você é mesmo um homem ou uma mulher de esperança? Esperança não simplesmente em algum futuro esplêndido, mas esperança em um banquete de casamento que está ocorrendo neste exato momento.



*Senhor, obrigada
por me libertares.
Estou agora livre para fazer bolhas de sabão,
soltar pipa,
escutar as conchas do mar,
acariciar gatinhos,
construir castelos de areia,
fazer pedidos às estrelas.*

Obrigada

por me libertares.

Estou agora livre para sair em busca de trevos de quatro folhas,
explorar carvalhos com lindos e atraentes ramos,
correr na chuva às gargalhadas,
andar descalça,
pular em poças d'água,
abanar para os trens que passam.

Obrigada por me libertares.

Estou agora livre para matizar meu nariz de amarelo nos ranúnculos,
capturar vaga-lumes e observar seu brilho,
colher o primeiro morango silvestre,
contar as estrelas,
conversar com as joaninhas,
procurar um cardo no meio da mata.

Obrigada por me libertares.

Estou agora livre para te enxergar nos
raios de sol que bailam sobre a água,
no arbusto que lança ao céu um sorriso,
nos salgueiros que fazem reverência aos rios,
nas azaleias que flamejam por toda a terra,
nas teias de aranha multicores como o arco-íris,
nas folhas que se arrastam pelo chão.

Obrigada por me libertares.

Estou agora livre para brincar com tudo o que me deste,
para me maravilhar com essas dádivas
e amar todos esses presentes.
Estou livre, também,
para te retribuir
tudo o que me deste.

A fé indecisa e a esperança vacilante nos imobilizam na viagem rumo à plenitude da vida e do Espírito de Jesus Cristo. Se nos rendemos ao fato de que Jesus estava dizendo a verdade, então o mundo em que vivemos é mesmo um lugar emocionante. É um lugar de romance e aventura, um lugar de promessa e possibilidade, um lugar de confiança e jubilosa expectativa. Mais que isso, porém, nosso mundo é um lugar de amor. E o pior pecado que podemos cometer é o pecado contra o amor.

Se cremos na mensagem emocionante de Jesus, se depositamos esperança no fato de que seremos vindicados, deve haver amor, e devemos correr o risco de ser amados. A ideia de que Deus é amor certamente não é algo que começou com o ministério terreno de Jesus. Aliás, provavelmente não era nem mesmo exclusividade da tradição judaico-cristã. Outros homens em outras épocas e em outras partes do mundo pensaram, esperaram ou desejaram que o Deus vivo de fato os amasse. Mas Jesus acrescentou uma nota de confiança. Não disse que talvez Deus fosse amor — ou que seria interessante se Deus fosse amor. Ele disse: *Deus é amor — ponto-final*. Mas a mensagem de Jesus não fica por aí. Ele insistiu em afirmar que seu Pai é louco de amor, que Deus é um Deus maluco que mal pode suportar a ideia de ficar sem a nossa presença. A parábola que torna essa verdade tão evidente é a do filho pródigo, ou, como hoje muitas vezes se assinala nas Escrituras, a parábola do pai amoroso (v. Lc 15:11-32).

O realce recai não na pecaminosidade do filho, mas na generosidade do pai. Devemos reler a parábola periodicamente, nem que seja para captar a delicada nuance presente no reencontro entre os dois. O filho trazia seu pequeno discurso de desculpas cuidadosamente ensaiado. Tratava-se de uma declaração de desculpas elegante, polida. Mas o velho nem o deixou terminar. O filho nem havia entrado em cena direito e uma veste nova, de excelente qualidade, lhe foi jogada aos ombros. Pôde ouvir o som da música, viu o

bezerro cevado ser carregado para o salão de festas e nem mesmo teve a chance de dizer ao pai: “Sinto muito”.

O tema aí presente é que Deus nos quer de volta ainda mais do que nós mesmos desejamos estar de volta e que não precisamos entrar em muitos detalhes quanto ao nosso arrependimento. Tudo o que você tem de fazer, diz a parábola, é aparecer em cena; antes de ter a chance de fugir outra vez, o Pai o agarra por suas vestes novas e o arrasta para dentro do banquete, de modo que você não consegue escapar.

Há uma passagem fascinante no capítulo 8 do evangelho de João sobre a mulher flagrada em pecado. Lembra como a multidão a arrastou até a presença de Jesus e perguntou a ele:

– O que fazemos com ela? Foi pega em adultério. Moisés diz que devemos apedrejá-la, mas os romanos não nos permitem o apedrejamento. O que lhe parece?

Jesus simplesmente os ignorou e começou a escrever na areia. Depois olhou para cima e disse:

– Bem, aquele aqui que não cometeu nenhum pecado que atire a primeira pedra.

Um a um, todos foram saindo. Então Jesus disse à mulher:

– Não há ninguém aqui para condená-la?

Ela respondeu:

– Ninguém, Senhor.

Ele respondeu:

– Tudo bem, vá e não cometa mais esse pecado.

Agora imagine a cena. Jesus não lhe perguntou se ela estava sentindo o peso da culpa. Não lhe exigiu um firme propósito de mudar de vida. Nem parecia muito preocupado com o fato de que ela poderia correr apressada para os braços de seu amante. Ela simplesmente permaneceu ali, e Jesus a absolveu antes que ela mesma pedisse.

Essa passagem foi um escândalo tão grande na igreja primitiva que, embora certamente faça parte de uma antiga tradição do evangelho, ficou de fora da história do evangelho por quase cem anos. Todos os especialistas das Escrituras afirmam que a passagem não pertence ao evangelho de João. O estilo é completamente diferente. Trata-se de uma tradição muito mais antiga,

e assim por diante. Mas só foi incorporada ao evangelho de João após sua morte, porque era um escândalo. Os primeiros moralistas cristãos tinham uma ideia muito mais rigorosa do bem e do mal do que Jesus, por isso tentaram abafar o caso pelo fato de ele fazer que Jesus parecesse muito tolerante.

Essa é a essência do amor de Deus por nós – um amor que é categoricamente um escândalo, um amor que nos constrange. Por que esse nosso Deus não demonstra alguma dose de critério e prudência ao tratar conosco? Por que não mostra mais comedimento? Para ser bem sincero, será que Deus não poderia dar um jeito de ter um pouco mais de dignidade? Por favor!

Bem, se estivéssemos no lugar dele, saberíamos perfeitamente bem como nos comportar, e o filho pródigo teria recitado seu discurso até a última palavra. E, quando terminasse, teríamos dito: “Bem, pode se retirar, filho pródigo; vou pensar a respeito por umas duas ou três semanas. Depois lhe mando um aviso pelo correio para você saber se decidi ou não permitir que volte à fazenda”.

Não creio que alguém aqui teria aprovado apedrejar a pobre mulher flagrada em adultério, mas todos nos certificariamos de que ela apresentasse um ato detalhado de contrição e fosse muito firme em seu propósito de mudar de vida. Porque, se a deixássemos partir sem um pedido de desculpas, ela não voltaria a cair em adultério antes do pôr-do-sol?

Não, o amor de nosso Deus é simplesmente nobre, e, ao que tudo indica, é como ele espera que seja também o nosso. Ele não só exige que aceitemos seu tipo de amor maluco, constrangedor, mas, uma vez que o aceitemos, espera que nos comportemos da mesma maneira com as pessoas. Imagino-me capaz de viver, se fosse preciso, com um Deus cujo amor por nós é constrangedor. Mas a ideia de que eu tenha de agir dessa maneira com as pessoas... essa é um pouco difícil de engolir.

Talvez o ponto de partida mais simples, embora certamente não o mais fácil, seja eu mesmo. Carl Jung, o grande psiquiatra, manifestou certa vez a opinião de que todos estamos familiarizados com estas palavras de Jesus: “O que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram” (Mt 25:40). Depois Jung fez uma

pergunta bastante profunda: “E se você descobrisse que o menor dos irmãos de Jesus, aquele que mais necessita de seu amor, aquele a quem você pode ajudar mais com seu amor, aquele para quem o seu amor terá mais valor – e se você descobrisse que esse menor dos irmãos de Jesus... é *você?*”.

Faça então por você o que faria pelos outros. E aquele saudável amor-próprio que Jesus recomendava quando disse “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” poderia começar com o reconhecimento simples: “Qual é a história do meu sacerdócio? É a história de um homem infiel por meio de quem Deus continua a trabalhar!”. Essa palavra é não somente um consolo; é libertadora, ainda mais para aqueles de nós tomados pela opressão de pensar que Deus só trabalha por meio de santos. Que palavra de cura, perdão e consolo para muitos de nós, sacerdotes, ao descobrirmos que somos vasos de barro que cumprem a profecia de Jesus: “Asseguro-lhe que ainda hoje, esta noite, antes que duas vezes cante o galo, três vezes você me negará”.

O Senhor está agora me chamando uma segunda vez, me afirmando, me capacitando, me incentivando, me desafiando o tempo todo até a plenitude da fé, da esperança e do amor no poder de seu Espírito Santo. Homem ignorante, fraco, pecaminoso que sou, com justificativas fáceis para meu comportamento pecaminoso, sou mais uma vez informado, na língua inconfundível do amor: “Estou com você, sou por você, estou em você. Conto mais com as falhas que vêm de você do que as que você espera encontrar”.

Há um pecado contra o amor que merece menção especial, por ser tão decisivo no segundo chamado de Jesus Cristo: a procrastinação. Ou seja, postergar as ações, desperdiçando as energias da vida e do amor que estão dentro de nós. Não é preciso que você esteja há muito tempo no ministério para descobrir que a maioria de nós gasta boa parte do tempo adiando as coisas que devemos fazer, ou gostaríamos de fazer, ou queremos fazer, mas temos medo de fazer. Temos medo de fracassar. Não é algo que apreciamos; antes, rejeitamos, evitamos, por causa de nosso desejo desmedido de passar uma boa imagem às pessoas. Assim, inventamos mil desculpas brilhantes para não fazer nada. E assim também recai sobre nós o juízo do Grande Senhor Executor da ópera cômica *O Mikado* sobre a menina que procrastinava

perpetuamente: “Nunca ninguém sentirá sua falta; não, nunca se sentirá sua falta!”.

Cada um de nós precisa pagar um alto preço pelo nosso medo de ficar com cara de tacho. Assim asseguramos o estreitamento progressivo de nossa personalidade e dizemos *não* à exploração e à experimentação. À medida que envelhecemos, fazemos apenas o que fazemos bem. Não há nenhum crescimento em Cristo Jesus sem dificuldades e hesitação. Para continuar crescendo, precisamos continuar arriscando experimentar fracassos por toda a vida. Quando Max Planck recebeu o Prêmio Nobel pela descoberta da teoria quântica, ele disse: “Ao olhar para trás e perceber o longo e labiríntico percurso que por fim conduziu à descoberta, sou vividamente lembrado da afirmação de Goethe de que os homens sempre cometerão erros enquanto estiverem empenhados em alguma atividade”.

Como você sabe, ainda que o cristianismo nos traga uma mensagem de cruz, de redenção e de pecado, não estamos dispostos a admitir que fracassamos na vida. Por quê? Em parte, imagino eu, por ser um mecanismo de defesa da natureza humana contra as próprias incapacidades. Mais ainda, porém, isso se deve à imagem de bem-sucedidos que nossa cultura exige de nós. Há alguns problemas sérios com essa história de projetarmos a imagem perfeita. Em primeiro lugar, simplesmente não é verdade — nem sempre somos felizes, otimistas, no controle da situação. Em segundo lugar, projetar a imagem sem falhas impede-nos de nos aproximar daquelas pessoas que acham que simplesmente jamais as entenderíamos. Em terceiro lugar, ainda que pudéssemos viver sem nenhum conflito, sofrimento ou erros, seria uma existência irrelevante. O cristão com profundidade é a pessoa que fracassou e aprendeu a viver com seu fracasso.

A procrastinação talvez seja o pior e mais prejudicial fracasso. Nós que cremos em Jesus, que esperamos ser vindicados, que proclamamos o amor do Pai celeste, desperdiçamos nosso tempo tentando evitar o que há de mais importante porque temos medo de fracassar no desempenho dessas atividades. Quanta fé, quanta esperança, quanto amor o eterno procrastinador tem de fato?

À medida que prossegue pela vida, se você adquire qualquer grau de autopercepção, qualquer tipo de introspecção honesta em sua personalidade,

sabe muito bem quais são suas fraquezas. Você sabe como fugirá da responsabilidade de experimentar a fé, a esperança e o amor que Jesus oferece. Se for honesto, saberá que não pode usar ninguém como bode expiatório, transferindo assim a culpa para outra pessoa. Sabemos que, quando chegar a hora de prestarmos contas de nossa vida, seremos culpados ou elogiados não por aquilo que o televangelista fez, não pelo que o bispo fez, não pelo que o pastor fez (a menos que sejamos o pastor) – seremos responsabilizados ou elogiados segundo a nossa aceitação ou rejeição do convite para crer na mensagem.

Em última análise, o verdadeiro desafio do crescimento cristão é a responsabilidade pessoal. O espírito de Jesus nos convoca uma segunda vez. Você vai assumir a responsabilidade por sua vida hoje? Assumirá a responsabilidade pelas coisas que faz? Crerá nas Boas-novas não porque foi obrigado, mas porque quer mesmo crer? Você se agarrará à esperança não porque as pessoas mandaram que o fizesse, mas porque está seguro de que será vindicado? Você amará não porque é um mandamento, mas porque é uma alegria? Você se dirigirá àquele banquete porque realmente acredita que ali há festa? Você irá para aquele banquete para o qual Jesus o convidou em nome de seu Pai? Ou, num ato de responsabilidade heroica, mas desorientada, você dirá: “Sinto muito, Jesus, mas não acho que vou me agradar da sua festa”?

Talvez estejamos todos na posição do homem da história de Morton Kelsey, quando chegou à beira de um abismo intransponível. Parado ali, pensando qual seria o próximo passo, ficou muito surpreso ao descobrir que havia uma corda bamba esticada de um lado a outro do abismo. E, lentamente, mas também de forma segura, veio pela corda bamba um acrobata empurrando um carrinho de mão que conduzia outro artista. Quando por fim alcançaram a segurança da terra firme, o acrobata sorriu diante da perplexidade do homem. “Não acredita que eu possa fazer isso de novo?”. O acrobata mais uma vez lança a pergunta; tendo recebido a mesma resposta, apontou para o carrinho de mão e disse: “Bem! Suba no carrinho, que eu o levo até o outro lado”.^[6]

O que fez o viajante? É exatamente a mesma pergunta que temos de nos fazer sobre Jesus Cristo. Será que declaramos nossa crença nele de maneira

absolutamente segura, mesmo em credos primorosamente articulados, para depois nos recusarmos a subir no carrinho de mão? A maneira de agirmos em relação ao senhorio de Jesus dá mais mostras de nossa fé do que podemos imaginar.

O que o mundo anseia encontrar na fé cristã é o testemunho de homens e mulheres audazes o bastante para ser diferentes, humildes o bastante para cometer erros, selvagens o bastante para ser queimados no fogo do amor, verdadeiros o bastante para fazer os outros perceberem como eles são irreais.

Jesus, Filho do Deus vivo, unge-nos com fogo no dia de hoje. Que a tua Palavra não brilhe em nosso coração; antes, que ela arda. Que não haja divisões, concessões ou retenções. Separa os místicos dos românticos e impulsiona-nos para aquele salto altamente temerário no abismo do teu amor. Que a oração de Nikos Kazantzakis brote do nosso coração como o som apaixonado de uma percepção amorosa:

Sou um arco em tuas mãos, Senhor.

Dobra-me, para que eu não me deteriore.

Não me dobres demais, Senhor. Posso quebrar.

Dobra-me além da conta, Senhor, e que me importa se eu quebrar?



*Senhor, tu és a pessoa
mais imprevisível
que eu conheço.
Bem na hora que imagino
ter finalmente começado
a te entender e a descobrir quem és,
fazes algo
tão extraordinário,
tão completa e fantasticamente
inesperado,
que eu fico de novo aturdida.*

Imagino saber onde te encontrar

*e então, de repente, te encontro
nos lugares mais improváveis;
nos momentos mais inacreditáveis;
nas pessoas mais desconhecidas.
Imagino conhecer tua voz;
e então te ouço
na cantiga de ninar sussurrada a uma criança,
na risada discreta de um velho,
no suspiro de um amante.*

*Imagino conhecer tua face;
e então te vejo
numa das alas de algum hospital psiquiátrico,
em algum albergue superlotado,
nas ruas, vagueando sem direção definida.*

*Imagino conhecer-te bem;
e então descubro
que simplesmente não te conheço.*

*Imagino conhecer teu amor;
e então descubro
que nem comecei a conhecê-lo.*

*Obrigada, Senhor,
por seres imprevisível.
Obrigada por me surpreenderes,
tirando-me dos confortos da minha rotina.
Continua a ensinar-me
que és um Deus
de surpresas infinitas.*

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Convite à solidude"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).